



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 17, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 17 - EDUCAÇÃO E PESQUISA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.17.03>

Recebido em: **30/07/2020**

Aprovado em: **31/07/2020**

**A POLÍTICA SEXUAL DA CARNE: A EDUCAÇÃO A PARTIR DA LEITURA E ANÁLISE
DE UMA OBRA FEMINISTA**

ANA ISABELLE ROCHA AMORIM

<https://orcid.org/0000-0002-7654-1562>

ANA PEDRINA FREITAS MASCARENHAS

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-4481-4551](https://ORCID.ORG/0000-0003-4481-4551)

NAJARA LAIANE FREITAS MASCARENHAS

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-6647-9761](https://ORCID.ORG/0000-0001-6647-9761)

Resumo: O presente artigo objetiva suscitar uma reflexão da educação através da leitura de uma obra que apresenta determinadas interseccionalidades entre o veganismo e o feminismo a partir da análise da obra “A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista vegetariana” - escrito pela autora e ativista Carol J. Adams. Torna-se profícuo e pertinente para o âmbito acadêmico contemporâneo suscitar uma análise sobre uma obra que aborda um movimento que defende o direito dos animais cuja proposta ética tem premissas pautadas no anti-especismo. Ademais, a autora da obra ainda pontua uma espécie de feminismo *vegan-friendly*, onde veganismo e feminismo travam suas lutas de mãos dadas.

Palavras-chave: Educação. Feminismo. Literatura. Veganismo.

Abstract: This article aims to encourage a reflection on education through the reading of a work that presents certain intersectionalities between veganism and feminism from the analysis of the work “The sexual politics of meat: a critical feminist vegetarian theory” - written by the author and activist Carol J. Adams. It becomes useful and relevant for the contemporary academic environment to elicit an analysis of a work that addresses a movement that defends the right of animals whose ethical proposal has premises based on anti-speciesism. In addition, the author of the work still points out a kind of vegan-friendly feminism, where veganism and feminism fight their struggles hand in hand.

Keywords: Education. Feminism. Literature. Veganism.

Re’sume’: Cet article vise encourager une réflexion sur l’éducation à travers la lecture d'un ouvrage, qui présente certaines intersectionnalités entre le véganisme et le féminisme à partir de l'analyse de l'ouvrage “La politique sexuelle de la viande: une théorie végétarienne féministe critique” - rédigé par auteur et activiste Carol J. Adams. Il devient utile et pertinent pour l'environnement académique contemporain de susciter une analyse d'un travail, qui s'adresse à un mouvement qui défend le droit des animaux dont la proposition éthique repose sur des prémisses basées sur l'antiséisme. De plus, l'auteur de l'ouvrage souligne toujours une sorte de féminisme *vegan-friendly*, où le véganisme et le féminisme se combattent face à face.

Mots-clés: Éducation. Féminisme. Littérature. Véganisme.

Introdução

Hodiernamente vivenciamos uma sociedade pautada pelo intenso fluxo da informação e massificação do acesso às novas tecnologias da comunicação, onde a abrangência da leitura se torna cada vez mais relevante. Assim, no centro do atual debate sobre o papel da Educação no desenvolvimento humano, deve estar a construção de um ensino orientado para a aquisição e desenvolvimento de competências transversais, particularmente no que se refere ao domínio da compreensão na leitura.

Segundo ADICHIE, Chimamanda Ngozie (2009), autora de O perigo de uma história única, “Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.”

Para interpretar o mundo a leitura é um agente social fundamental, e uma influência profícua na formação das crianças, dos jovens, constantemente bombardeados pela indústria cultural. Diversas transformações nas últimas décadas contribuíram amplamente para a imprescindibilidade da educação para a leitura crítica da mídia. Uma nova organização epistemológica é primordial para a educação crítica da mídia, em consequência ao desenvolvimento da tecnologia da informação e disseminação da comunicação, o alargamento do capitalismo global de livre mercado e à ascensão e decréscimo da pluralidade linguística cultural, que está transformando âmbitos sociais em patamares locais e globais.

No contexto da contínua expansão da transformação tecnológica e econômica, a alfabetização crítica da mídia é um imperativo para a democracia participativa, pois as novas tecnologias de informação e comunicação, associadas a uma cultura de mídia com base no mercado, fragmentaram, conectaram, convergiram, diversificaram, homogeneizaram, estabilizaram, ampliaram e remodelaram o mundo. Essas mudanças estão reconstruindo a maneira como as pessoas pensam e reestruturando as sociedades, nos níveis local e global (Castells, 2004; Jenkins, 2006).

A educação midiática que evoluiu a partir de estudos culturais se define não tanto como um bloco específico de conhecimento ou um conjunto de habilidades; define-se mais como uma estrutura de compreensões conceituais (Buckingham, 2003)

Um dos grandes temas comuns em análises das mudanças nas relações entre a mídia e a sociedade é um alto grau de convergência que está ocorrendo de várias maneiras (Considine, 2003; Gutiérrez, 2003; Luke, 2007, Jenkins, 2006). Henry Jenkins (2006) reitera vivenciamos hodiernamente uma cultura de convergência, onde nossos costumes socioculturais estão se transformando consoante as influências da tecnologia, da economia e da convergência da velha e nova mídia. Ele explica (p. 15) "A convergência de mídia é mais do que simplesmente uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre as tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e audiências existentes".

Representa uma mudança de paradigma, a mudança de um conteúdo que é específico de um meio para um conteúdo que flua através de diversos canais de mídia. Esse movimento leva à crescente interdependência dos sistemas de comunicação, em direção de múltiplas formas de se acessar conteúdos de mídia, à existência de relações ainda mais complexas entre a mídia corporativa autoritária e a cultura participativa libertadora.

Recapitulando notáveis nomes da antropologia, como Marvin Harris(1978), Mary Douglas(1966) e Marshall Sahlins(2003) pesquisaram, mostraram e apontaram de abundantes aspectos, o fenômeno da alimentação, do vestuário e dos tabus envolvidos nessas manifestações que diversificam de uma cultura à outra, seja desde óticas que dão destaque à aspectos simbólicos de determinada cultura, seja desde concepção materialista dessa cultura.

Em Vacas, porcos, guerras e bruxas, Marvin Harris (1978), discerne o obstáculo de apurar os pormenores materiais culturais visto que encontram-se cingidos em diversas ilusões, mitos e lendas, que distraem a atenção para questões inexistentes, sobrenaturais. Segundo Harris, os aspectos elementares latentes permeado pelo simbólico não são populares socialmente numa perspectiva de consciência coletiva, a cultura é algo absorvido pelo indivíduo, como um peso opressivo

No capítulo “a mãe vaca” o autor faz um ensaio do “amor a vaca” dos hindus, investigando cientificamente todos os aspectos da cultura para desenredar suas questões e, ao contrário de Mary Douglas, que explica a cultura através do simbólico, Marvin Harris explica o simbólico e demonstra de forma persuasiva que o tabu hindu de não consumir carne bovina possui uma essência um tanto prática. O gado é mais importante para os hindus como instrumento de trabalho como fonte de leite e adubo, do que carne.

O simbólico seria a crença, o mito de amor à vaca, no entanto Harris constata que de fato, o simbólico é um tanto teórico e o que predomina são as práticas materialistas. É observado que, atrás do sagrado da vaca, a proteção dada às vacas indianas tem relação com a preservação e proteção de uma gama de valências que o animal configura para a economia.

Outrossim, as vacas consomem menos de 20% dos alimentos que seriam para os humanos, ou seja, não disputam alimento, para Harris, estas são “infatigáveis limpadoras de rua”, pois do lixo urbano transforma-se leite, adubo, combustível, couro além de muitas outras produções profícuas e mantenedoras de um enorme número de famílias do campo que fazem isso seu meio de subsistência, uma vez que sem essas práticas não teriam outra forma de sobreviver e teriam de migrar para os centros urbanos, o que faria aumentar substancialmente mais a enorme população que já se encontram nos centros urbanos.

Independentemente, a exploração animal, é abrangida de uma forma onde se argumenta sua urgência econômica, permeado pelo do materialismo utilitarista consentâneo para algumas cultura.

Em contraposição ao materialismo cultural conceituado por Marvin Harris, Segundo Mary Douglas (1966), a cultura serve para dar ordem às coisas.

Na obra Pureza e Perigo(1966) Douglas explica simbolicamente os tabus alimentares, suscitando uma crítica de que as questões culturais precisam ser estudados de forma simbólica e não material. Nesse sentido, analisa o materialismo médico, expondo, por exemplo, que há um tabu em relação ao consumo de alguns animais, é uma forma de outorgar a ideia de ordem/desordem, puro/impuro, sujeira/limpeza e outras dicotomias dentro da organização sistêmica cultural.

Os teóricos do materialismo médico podem ter achado práticas higiênicas profícuas relacionadas à rituais religiosos e tabus sobre o consumo de alimentos. “Mas apontar os benefícios de ações rituais é uma coisa, e outra coisa é se satisfazer com o uso desses subprodutos como uma explicação suficiente.” (Douglas, 1966, p.44)

Mary Douglas analisa ser tão prejudicial quanto, a ideia contrária de que o rito primitivo nada têm em consonância com nossas práticas culturais e imaginário sobre higiene. “nós matamos germes; eles afastam os espíritos”(Idem, p.47), por mais contrastante que isso possa soar, Mary Douglas afirma que é a mesma lógica sistêmica de limpeza/impureza ou ordem/desordem, ambas servem para manterem as coisas no lugar em determinado sistema.

“São nossas idéias higiênicas enquanto as deles são simbólicas? Nada disso: passarei a sustentar que nossas idéias de sujeira também expressam sistemas simbólicos e que a diferença entre o comportamento da poluição em uma parte do mundo e em outra é somente uma questão de detalhe.”(Idem, p.49)

A antropóloga, então doravante dessa análise, pondera sobre a austeridade desse sistema e seus

liames com as anomalias, pois a ordem do sistema as reprova, ou as engloba numa tentativa de inventar um novo paradigma onde essas terão seu próprio lugar. Entretanto, tensiona o estoicismo deste, um indivíduo pode reexaminar suas premissas e princípios em relação aos padrões da conjuntura, já a cultura é de caráter público e não podem ser facilmente sujeitas à revisão.

A autora conclui que “se impureza é um assunto inoportuno, devemos investigá-lo através da ordem. Impureza ou sujeira é aquilo que não pode ser incluído, se se quiser manter um padrão.” Consoante, Sahlins (2003) argumenta a respeito da presença de uma razão cultural nos hábitos alimentares ocidentais, sobretudo no que diz respeito ao tabu em relação à alimentação com animais como cachorros e cavalos em detrimento da comestibilidade de outros como o porco e o boi. Que, como traz o autor, não se trata apenas do ponto de vista econômico do consumo mas segue avaliações específicas de comestibilidade e não comestibilidade, “elas mesmas qualitativas e de maneira algumas justificáveis por maneiras biológicas, ecológicas ou econômicas”.

Perscrutando seu estudo como uma forma de reconhecer a ligação do consumo da carne, a exploração do meio ambiente e a virilidade masculina.

“A exploração do meio ambiente americano, a forma de relação com a terra dependem do modelo de uma refeição que inclui a carne como elemento central com o apoio periférico de carboidratos e legumes – enquanto que a centralidade da carne, que é também a indicação de sua “força”, evoca o pólo masculino de um código sexual da comida o qual deve originar-se na identificação indo-européia do boi ou da riqueza crescente com a virilidade.” (SAHLINS, p.171)

No artigo *Food as Power* de FLANNERY e MICYNTTE (2010), a leitura inicia constatando que comida é política, e possui como relevância inicial o trabalho, as extensões políticas da comida e de que forma os propósitos gerais do artigo, exploram e expõe como organizações sistêmicas alimentares operam em uma função crucial na reprodução de desigualdades de classe, raça e etnia, gênero, sexualidade, e idade, dentre outros.

Ademais, a comida como um operante em compor novos delineamentos de globalidade que integram novas modelos do capital, ciência, tecnologia e outras instituições que atuam em conformidade em função de um padrão de gostos, estilos de vida e definições de saúde e higiene. “Our aim was to rethink food as a political process through which power relationships are, and have been, made and unmade.” (Idem, p. 423) Suscitando uma compreensão de poder como praticado através de sujeitos, objetos, instituições e discursos em oposição de uma forma externa de dominação, ou seja, uma noção de poder fomentada pelo pós-estruturalismo.

O artigo preconiza que as desigualdades econômicas globais que são configuradas e disseminadas mediante sistemas alimentares estão visceralmente estabelecida no tecido social, nas práticas sociais e na produção de significados simbólicos e crenças. A cultura não só como uma parte constitutiva de meios de dominação e exploração, mas também como processo, um veículo de reprodução e experiência desses meios. Além na análise, o ecofeminismo de estudiosas como Marti Kheel, Lori Gruen, Greta Gaard, Josephine Donovan, Ynestra King, Barbara Noske e Karen Warren, iniciava a reconhecer a relação entre a opressão de mulheres e animais. O movimento emergiu o liame entre a submissão e exploração da natureza, das mulheres e dos povos estrangeiros. (Mies/Shiva, 1995, 23)

Ainda na década de 70 Carol J. Adams publica “A política Sexual da Carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina” (2012), onde a autora objetiva, além de explorar e perscrutar sobre a alimentação e a prática de comer na cultura, como tal desempenharam os autores citados anteriormente, perscrutando achar a conexão que liga o carnivorismo e a cultura de opressão às mulheres.

Uma teoria engajada

Carol Adams deixa claro no prefácio da obra alguns aspectos que havia dito no anterior: que a razão de ser da obra é o ativismo. Sua diligência está na exposição dos problemas de uma sociedade sexista e especista. Mais que isso, a obra também coloca soluções bastante pertinentes para permear o fim desta cultura sexista, especista e belicosa.

Publicada originalmente em 1990, trata-se de um dos livros mais célebres da ativista Carol Adams, a seguinte tradução para o português, *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana* é responsiva a ideia de que as causas sociais humanas devem ser priorizadas, propondo a defesa da intersecção, a inter-relação, “temos que pôr fim ao ativismo fragmentador”.

A ativista diz compreender a preocupação de algumas feministas que suscitam que a defesa dos animais pode dissuadir o ânimo da luta contra o machismo. Adams não concorda com essa hierarquia de lutas por justiça. A autora salienta que o vegetarianismo que ela trata na obra exclui não só as carnes, mas também laticínios e ovos, além da vivissecção e todas as formas de exploração animal.

Adams sugere um novo termo “proteína feminilizada” no intuito de concernir aos produtos de leite e os ovos, isto é, proteína que vem de um corpo feminino. A culminância deste prefácio é profícua, pois salienta o quão relevante é para ambas as lutas: o feminismo e o vegetarianismo/veganismo.

Outrossim, salienta também que o feminismo deve adotar o vegetarianismo/veganismo pelo que ele é e representa. A introdução de sua primeira edição tensiona com a certeza da autora de que o feminismo e o vegetarianismo/veganismo estão profundamente contíguos, em liame íntimo, bem como o domínio patriarcal está secularmente sustentado pelo consumo dos animais, tornando-os intrínsecos. As similaridades e interseccionalidades são fatores de extrema importância para a luta de ambos. Os tópicos a seguir são apresentados com análises sucintas a partir deste contexto.

Veganismo, conceito e cultura

O veganismo, segundo definição da *Vegan Society*, é um modo de viver que busca excluir, na medida do possível e praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra os animais - seja na alimentação, no vestuário ou em outras esferas do consumo. Portanto, no âmbito da alimentação, veganismo e vegetarianismo estrito são sinônimos.

Dessa maneira, não usam medicamentos, nem cosméticos que tenham sido testados em animais ou produtos que contenham gordura animal, não consomem nenhum tipo de carne, peixe, mariscos, laticínios, cera de abelha, mel, ovos, peles, couro, lã, seda, própolis, não frequentam circos com animal, entre outros eventos que usam os animais como ferramenta de espetáculo (ARGOLO, 2008, pp. 5-6).

Esse nicho tem posicionamentos contrários à vivissecção e uso de animais em laboratórios em prol do denominado progresso da ciência. Não é aceito, além disso, qualquer forma de entretenimento que faça uso da exposição e/ou maus-tratos de animais (zoológicos, circos, touradas, rodeios, etc.).

Esse tipo de posicionamento ético projeta para o cerne desse movimento uma responsabilidade para com o ato de consumo, sendo o mesmo reconhecido enquanto parte importante da construção de um *modus vivendi* vegano. Sob rígidas formas de controle de si (certas técnicas corporais à la Mauss), a

prática do consumo passa a se constituir como um espaço para a ação reflexiva e a construção identitária (GIDDENS, 2003).

A para Sonia T. Felipe, membro fundadora da Sociedade Vegana (2008, p. 1) define ética na alimentação como “um projeto humano de buscar um princípio moral não relativo, aplicável à ação de comer, que possa ser aceito como válido por indivíduos formados moralmente em diferentes padrões culturais”. Assim, a ética na alimentação é uma premissa básica e um princípio para o veganismo.

A escravização dos animais pelos homens se justificou ao longo da história pelo uso e extermínio dos animais e a destruição dos ecossistemas naturais como ações humanas, consideradas “necessárias” para o bem da “humanidade” e essa categoria “necessidades” justificava por si só moralmente as instituições. Mas, o que ninguém investigava eram as causas de tais “necessidades”, o que vem a ser questionado com o processo de industrialização, pois “comer deixou de ser simplesmente um ato imposto por uma necessidade natural”. Na verdade, o que se come, hoje, passou a ser imposto pelos interesses industriais. (FELIPE, 2008, p. 1-5)

Para a filósofa, a prática dessa violência tem como pilares o uso de animais como produtores de leite e ovos, ou quaisquer outros meios para sua comercialização, privando-os de liberdade e condicionando sua existência somente para produção. Salienta ainda que no fim deste doloroso processo de produtividade, esses animais são confinados e condenados ao abate, e por isso essa produção também tem como finalidade a morte e maus tratos. Assim, desde que o animal é parido, é iniciado seu sofrimento que só cessa com o abate, por meros fins capitalistas.

A política sexual da carne, uma obra e uma crítica

Carol Adams é uma escritora feminista e ativista pelos direitos dos animais, cuja escrita se desdobra em suas obras. Tais obras abrangem ideias difundidas sobre o vegetarianismo, os direitos dos animais, a violência doméstica e o abuso sexual em artigos, livros, revistas, sites e enciclopédias.

Dentre suas obras, que são estas: *Ecofeminism and the sacred* (1993); *Neither man nor beast: feminism and the defense of animals* (1994); *Animals and women: feminist theoretical explorations*, com Josephine Donovan (1995); *Violence against women and children: a christian theological sourcebook*, com Marie Fortune (1995); *The inner art of vegetarianism* (2000); *Prayers for animals* (2004); *Meditations on the inner art of vegetarianism* (2001). Entretanto, no meio dessa gama abundante, há duas obras em que as premissas basilares são relatos da conexão entre a opressão das mulheres e a dos animais não humanos: *The sexual politics of meat: a feminist-vegetarian critical theory* (1990) e *The pornography of meat* (2003).

Partindo do princípio onde se detalha a relação entre o patriarcado e a prática de comer carne, a partir da leitura de textos que abordam a temática, como as convergências entre as linhas do feminismo e vegetarianismo/veganismo, a autora conceitua o referencial ausente doravante a estrutura.

O “referencial ausente”, faz uma dissociação da carne e o animal morto. Nessa conjuntura este conceito opera como uma manutenção da ideia de separação de qualquer ideia que relacione a carne como um animal, ou seja, que a carne era um animal.

O “referente ausente” é o que separa o carnívoro do animal e o animal do

produto final. A função do referente ausente é manter a nossa “carne” separada de qualquer ideia de que ela ou ele já foi um animal, manter longe da refeição o “múuu” ou o “báaa”, evitar algo que seja visto como tendo sido um ser. Uma vez que a existência da carne é desligada a existência de um animal que foi morto para se tornar “carne”, esta fica desancorada do seu referente original (o animal), tornando-se, em vez disso, uma imagem que não está ligada a nada, imagem essa usada frequentemente para refletir o status feminino, assim como o dos animais. Os animais são o referente ausente no ato de comer carne; tornam-se também o referente ausente nas imagens de mulheres subjugadas, fragmentadas ou consumíveis. (ADAMS, p. 24)

As mulheres são notórios exemplos de referenciais ausentes ao longo da nossa cultura, no que tange a serem enxergadas como um corpo a ser consumido e usado pela mídia de forma massiva.

Adams nos outorga uma ótica com perspicuidade para compreender o *modus operandi* de como as opressões estão contíguas a partir da teoria feminista, elucidando como permeado pelo alcance sexual de seus corpos estupráveis, as mulheres são consumidas em imagéticamente conquanto e os animais são consumidos integralmente.

A obra tenciona como, especialmente em tempos de escassez, as mulheres outorgam aos homens a carne na qual os mesmos são convictos de ser o “melhor” dos alimentos.

A primeira parte do livro denominada “Os textos patriarcais da carne”, é segmentada em quatro capítulos: “A política sexual da carne”; “Estupro de animais, retalhamento de mulheres”; “Violência mascarada, vozes silenciadas” e “A palavra se fez carne”. Adams concebe o termo “antropornografia”, cuja definição é a de apresentar animais como seres que pedem para serem comidos, que na perspectiva da autora, é um dos alicerces do patriarcado. Portanto, o conceito central “antropornografia” tem sua concepção na primeira parte, que está no bojo da análise dos textos referentes à carne que compõem a sequência. Carol Adams indaga-nos se somos predadores ou não. E ainda suscita que, na tentativa de nos ver como seres naturais, algumas pessoas argumentam que os seres humanos são simplesmente predadores como alguns outros animais, simplifica e reifica a vida dos animais como algo ordinário. Carol Adams traz o mito dos boximanes, uma história fictícia que aborda uma mudança na alimentação masculina.

“Nos tempos primitivos, os homens e as mulheres viviam separados, os primeiros caçando animais exclusivamente, as vítimas vivendo da coleta. Cinco homens que estavam caçando, por serem criaturas negligentes, deixaram a fogueira apagar. As mulheres, que eram cuidadosas e ordeiras, sempre mantinham acesa sua fogueira. Os homens, tendo matado uma gazela, ficaram desesperados para cozinhá-la, e assim um deles saiu para buscar fogo, atravessou o rio e encontrou uma das mulheres coletando sementes. Quando lhe pediu fogo, ela o convidou para o acampamento feminino. Chegando lá, disse a ele: “Você está faminto. Vou socar estas sementes e cozinhá-las, então lhe dou um pouco”. Ela fez para ele um mingau. Depois de comer, ele disse: “Bem, a comida é gostosa, por isso eu vou ficar com você”. Os homens que ficaram a espera se puseram a imaginar o que teria acontecido. Continuavam com a gazela e continuavam sem fogueira. O segundo homem saiu e foi tentado pela cozinha feminina, e também ele passou a morar no acampamento das mulheres. A mesma coisa aconteceu com o terceiro homem. Os dois que sobraram ficaram muito amedrontados. Desconfiaram que algo terrível tinha acontecido com os companheiros. Então lançaram os ossos divinatórios, mas os augúrios foram auspiciosos. O quarto homem saiu timidamente e acabou por se juntar aos companheiros. O último homem ficou apavorado, e, além do mais, a gazela já havia apodrecido. Assim, ele pegou o arco e as flechas e fugiu correndo.”

Assim, é perceptível que o vegetarianismo é visto como não-natural, simultaneamente, o carnivorismo dos outros animais é transformado em um padrão exemplar. Para os seres humanos, intitulados predadores, os machos, os animais são objetificados para servir seus prazeres carnisais, vistos como naturais. Por conseguinte, os direitos animais são criticados e as desanalogias mais

profundas com animais carnívoros permanecem intocadas, haja visto que a noção de seres humanos como predadores é congruente com a convicção de que necessitamos comer carne.

Em *A política sexual da carne*, é concebido este processo conceitual no qual o animal se torna invisível da estrutura do referencial ausente, não são enxergados, ou seja, são ausentes dentro da estrutura como animais para manter a existência da carne. Animais vivos, não podem ser carne. Por conseguinte, um cadáver substitui o animal vivo, e animais se tornam referenciais ausentes. Os animais desaparecem através da linguagem, que ressignifica cadáveres antes do consumo final.

O referencial ausente por conseguinte corrobora a ideologia patriarcal e tenciona o padrão cultural de ser humano e de ser animal. Assim, há a premissa na obra que é simplesmente impossível ser homem sem comer carne.

A segunda parte do livro, designada “Da barriga de Zeus”, está segmentada em três capítulos, os quais são, respectivamente: “Textos desmembrados, animais desmembrados”, “O monstro vegetariano de Frankenstein” e “O feminismo, a Grande Guerra e o vegetarianismo moderno”.

O teor da segunda parte aborda alguns romances nos quais aparecem personagens vegetarianas. Adams suscita que o feminismo é a base para tal crítica literária, haja visto que a história da carne é constituída não somente de textos sobre a carne, mas principalmente do apagamento da palavra feminista e vegetariana.

“Mudar um animal do seu estado original, fazendo-o se transformar em comida, compara-se a mudar um texto do seu estado original, fazendo-o se transformar em algo mais agradável” (p. 148). Para as escritoras abordadas, a questão do vegetarianismo converte-se numa mediação feminina intrincada entre as relações de poder estabelecidas tanto no especismo quanto no sexismo.

“Coma arroz, tenha fé nas mulheres” é o título da terceira e última parte do livro. O fragmento está segmentado nas seguintes partes; “A distorção do corpo vegetariano” e “Por uma teoria crítica feminista-vegetariana”. Nesse, Adams lança sua proposta de uma teoria crítica feminista-vegetariana, para o leque de práticas feministas é necessário pensar a carne como elemento viril da cultura patriarcal, argumentando que a defesa dos animais e a teoria e o vegetarianismo é a prática, assim como o feminismo e a teoria e o vegetarianismo constituem suas práticas.

O vegetarianismo opera como uma demonstração de doença da cultura patriarcal, o consumo da carne é de controle masculino, e manifesta-se em três formas: na convicção da insignificância da carne, na designação das relações e na rejeição da exploração de carne e da cultura patriarcal.

Conclusão

Essa pesquisa de caráter bibliográfico e cunho analítico, traz à tona a ponderação e enviesa o que consideramos denominar como um tipo de consumo reflexivo, precipuamente quando são analisados as causas e consequências deste processo. Esta análise crítica da relação humanidade-animidade hodiernamente suscita uma mobilização política, sob a forma de ativismo, que incorpora novos processos de subjetivação e redefinição de estilos de vida e consumo, e também um posicionamento ético que busca repensar as formas segundo as quais devemos viver.

Fica claro o quanto uma escolha alimentar se torna revolucionária ou mantenedora do *status quo*. Isto posto, a obra *A política sexual da carne* é uma leitura enriquecedora de capital cultural e necessária para quaisquer indivíduos reprodutores e mantenedores da naturalização de uma cultura de opressão. Diante disto, é nítido que as ligações entre o levantamento de bandeiras do veganismo e feminismo tem raízes profundas e necessitam de seus respectivos apoios recíprocos. As temáticas acerca do veganismo são frondosas e incutem explorações entre o mesmo e uma diversidade outras temáticas

que possibilitam vários vieses para futuras pesquisas nessa linhagem.

Referências

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina.** São paulo: Alaúde Editorial, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história.** 2009. Acesso em, v. 10, 2018.

ARGOLO Tainá C. **Veganismo como Desobediência Civil.** 2008. (Apresentação de Trabalho/Congresso). Acesso em outubro, 2019.

CASTELLS, M. **The power of identity.** In: CASTELLS, M. The information age: economy, society and culture. 2. ed. Malden: Blackwell, 2004. v.2.

CONSIDINE, D. **Weapons of mass destruction?: media literacy, social studies and citizenship.** In: DUNCA, B.; TYNER, K. Visions/revisions: moving forward with media education. Madison: National Telemedia Council, 2003. p. 24-45.

FLANNERY, Ezekiel, MINCYTE, Diana. **Food as power.** Cultural Studies - Critical Methodologies 2010 10:423. Publicado originalmente online em 17 de junho de 2010.

FELIPE, Sônia T. **A desanimalização do consumo humano: desafios da ética vegana.** Palestra proferida na abertura da Reunião de Fundação da Sociedade Vegana. São Paulo: 2010. Disponível em www.sociedadevegana.org/index.php?view=article&catid=16%3Aetica&id=16%3Aadesanimalização Acesso em setembro, 2019.

GIDDENS, Anthony. **A modernidade sob um signo negativo: questões ecológicas e política de vida.** In:/ GIDDENS, A. Para além da esquerda e da direita. São Paulo: UNESP, 1996

GUTIÉRREZ MARTÍN, A. **Multimedia authoring as a fundamental principle of literacy and teacher training in the information age.** In: DUNCAN, B.; TYNER, K. (Ed.). Visions/revisions: moving forward with media education. Madison: National Telemedia Council, 2003. p. 12-22.

HARRIS, Marvin. **Vacas, porcos, guerras e bruxas. Os enigmas da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

LUKE, C. **Media literacy and cultural studies.** In: MUSPRATT, S.; LUKE, A.; FREEBODY, P. (Ed.). Constructing critical literacies: teaching and learning textual practice. Cresskill, NJ: Hampton, 1997. p. 19-49.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo. Ensaio sobre a noção de poluição e tabu.** Lisboa: Edições 70, 1966.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática.** Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2003.

VEGAN SOCIETY. **Definition of veganism.** Disponível em: <<https://www.vegansociety.com/govegan/definition-veganism>> , acesso em 29 de setembro de 2019.

JENKINS, H. **Convergence culture: where old and new media collide.** New York: New York University, 2006.

* Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri - UFCA
Email:annasamorim.aa@gmail.com

** Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Email:anapedrinajp@hotmail.com

*** Graduada em Letras- Inglês pela Universidade Regional do Cariri - URCA
Email: najaramascarenhas@hotmail.com